

PEDRO BENTO PERES DE OLIVEIRA

A QUESTÃO DO CONTRASSENSUALISMO EM PARMÊNIDES E MATRIX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Rio de Janeiro, 04 de maio de 2021

Aprovada por:



Prof. Dr. Pedro Costa Rego – UFRJ (orientador) (SIAPE 1170449) Nota: 9,5 (nove e meio)



Prof. Dra. Ethel Menezes Rocha – UFRJ (SIAPE 1124967) Nota: 9,5 (nove e meio)



Prof. Dr. Fernando José de Santoro Moreira – UFRJ (SIAPE 1175527) Nota: 9,5 (nove e meio)

ÍNDICE

- Introdução (algumas palavras-Chave)	3
- 1º CAPÍTULO: Sobre Parmênides	6
- 2º capítulo: O Poema Da Natureza	10
- 3º capítulo: Matrix; a vida ilusória de Anderson...17	
- Conclusão.	20
 Referências bibliográficas	 21

Introdução

Estará pressuposto aqui que através do pensamento e da linguagem se torne possível dizer da coisa o que ela é; e conquanto estejamos pretendendo fazer Filosofia, muito já se disse sobre o que se quer aqui elucidar, e dizer algo de algo pode então ocorrer de duas maneiras: primeiramente elucidando à tradição, ou seja, o ato de retransmitir o que já é sabido, e ocorre que renovadamente do ato em transmitir tal experiência com palavras próprias que pequenos e implícitos ou não intencionais posicionamentos aparecem; e o que foge à tradição renova originalidade do pensamento atual. A originalidade máxima é a expressão de uma verdade interior pessoal, onde não há crença forte que sua comunicação torne sua vigência mais convincente, bem como, no extremo oposto, o rigor máximo expressaria um mero espelho de sucessivos recortes do que já disse a tradição, coisa que é muito útil, entretanto vazia de novidade.

O que já se disse de Parmênides, e será preciso descrevê-lo ainda mais uma vez, é duma metafísica rigorosamente avessa à experiência mundana, um mundo real irreparavelmente desligado das leis de tempo, movimento; monolítico e estático: De um único Ser, pressuposto que toda a multiplicidade é aparência o que implica logicamente em erro. Embora este ser de Parmênides seja único, esférico, maciço, e possa se confundir com o que veio a se chamar em discursos mais modernos de coisa-em-si ou objeto transcendental – na medida em que se busca num permanente exterior a toda correlação de forças, que manifestam já por si oposição de contrários, devir, mutação: Entretanto o fundamento ou motor nada pode padecer e a ele nada pode ser acrescentado.

No decorrer do Poema da Natureza, este ser único será caracterizado enquanto esfera, entretanto, sem a textura duma fluidez da crença de que um éter o envoltasse, “pois o ente ao ente cerca” (PARMÊNIDES, 2006), nada seria exterior a ele, e aí já há um abismo lógico de imposição de uma fé forte num Universalismo esdrúxulo: Quando Platão escreve o diálogo Parmênides, entretanto, coloca Parmênides a proferir, quanto à forma exata deste objeto que não participaria nem do reto nem do redondo, estaria fora ou se moveria aberrantemente estando a um só tempo em todo o lugar na tridimensionalidade aparente da experiência cotidiana: Parmênides é celebrado pelo caráter não dogmático das verdades metafísicas que busca para este Ser ao passo que Platão desloca a questão que era originalmente o Ser e o objetifique no Uno, que é o ser entre os seres a quem Parmênides passa a discorrer as consequências da existência ou da própria não-existência.

Ser que repousa com as naturezas verdadeiras e imutáveis, confundindo-se com a própria verdade. É curioso apontar para algo literal: que este mundo de um único Ser é, entretanto, coabitado por deuses.

Bárbara Cassin dirá que é com o mesmo cuidado que toma Ulisses, orientado por Circe, quando o lado anímico o pede para afogar-se entre as sereias, ao ouvir seu canto sedutor e mortal, com o mesmo cuidado Parmênides coloca o discurso do ser na boca de uma deusa, inominada, um ser também imobilizado por cabrestos ou liames regidos por divindades (CASSIN, B. LORAUX, N., 2005). Nesta hipótese, Parmênides, fará de si em vida um entre os primeiros pioneiros dos registros de discurso filosófico, e é trazido até nós com força da atemporalidade de suas sentenças, entretanto, tradicionalmente confrontado a Heráclito, Parmênides tem como calcanhar de Aquiles de sua metafísica a descrença em sentido forte da possibilidade do movimento e da própria multiplicidade. Ao menos na parte a que se acordou chamar de Via da Verdade no poema é proposta esta lógica restrita a um Ser dos seres todo especial, e um enorme Vazio entre a vigência do Ser e do cotidiano, da opinião, do aparente: Um Parmênides moralmente frouxo diria *‘esqueça tudo que vem da opinião dos outros’*, ou ainda um outro, no extremo oposto, na leitura detida com rigor do poema, que é até mais convidativo à releitura que o próprio diálogo platônico, nos lança à luz dizeres onde numa interpretação já extremamente moderna, e de certa forma *assujeitadora*, avalia que pensamento, vontade, fala e ação se referem todos à continuidade de um e mesmo ato: o de dar nomes, dar predicados, distinguir seres e objetos, dizer coisas reais, expressar-se e agir.

Após a tradicional reconstrução das duas principais vias contadas ao interlocutor iluminado, lançaremos o olhar para o diálogo Parmênides de Platão.

A Parmênides, o legado de ser um inflexível contraditório a Heráclito, e é Heidegger quem ressalta em sua conferência dedicada ao tema que Hegel verá literalmente o solo firme e fértil para sua lógica em Heráclito, enquanto opositor direto ao imobilismo e contrassensualismo dum ‘gélido’ Parmênides que estimo transmitir através da leitura do Poema e do Diálogo (HEIDEGGER, 2008).

O poema de Parmênides, dada a antiguidade, permanece enquanto documento de um discurso fiável capaz de transmitir verdades e convicções, bem como marca a polissemia, apela muitas vezes para a capacidade de interpretação de seu leitor, além de apresentar caminhos, e veremos que são também não exatamente inumeráveis, mas contados entre dois e três para esta ou aquela tradição, restando ainda antes que a Deusa inicie o seu discurso uma passagem arbitrada a ser chamada de Proêmio: a descrição imagética da jornada espiritual do interlocutor até a presença da deusa inominada, Antessala para a apresentação da forma do mundo tal e qual visto pelos deuses: a *ipseidade* das coisas, incapaz de vê-las o interlocutor terá que se contentar com o discurso que o mostrará as coisas como elas são.

UM MAPA PARA A LEITURA DO POEMA:

- 1- Proêmio (jornada espiritual do iluminado)
- 2- Caminho do que É (Ser)
- 3- Caminho do que não É (Nada)
- 4- Caminho da aparência/fama/opinião dos mortais (Cotidiano)

Dada a assimetria desta partição haverá caminhos onde há muito o que interpretar aos olhos da Metafísica, e compreenderemos metafísico enquanto esforço que envolve o conhecimento de algo que está para além da Natureza, e uma certa seriedade dissimulada na crença de sua ipseidade: O que é forçosamente moderno.

CAPÍTULO 1 – Sobre Parmênides

O conjunto de pensadores nomeados Pré-Socráticos é produto datado de uma reconstrução arbitrária, e atribuímos a Parmênides este rótulo em primeiro lugar, o de pensador ou sábio pré-socrático. Estudiosos reconhecem neste conjunto de Pré-Socráticos sábios gregos de tempos anteriores ao uso corrente das palavras filosofia e filósofo, que entretanto, estão comprometidos com o nascimento desta nova forma de posicionar-se no mundo, a que gerações futuras de gregos chamarão de *filosófica*. Comunicam a passagem do discurso mítico para o discurso filosófico, provenientes dum tempo onde esta separação ainda afigurava-se absurda. Parmênides tem um papel fundamental na inauguração da história da filosofia feita por Platão e Aristóteles. Dezenas de séculos depois, um quase contemporâneo de nós se debruça a seu tempo sobre o assunto: é Nietzsche, que vai preferir chamá-los todos de pré-platônicos, o que faz sentido (NIETZSCHE, 2008). Os pré-socráticos não têm um corpo textual que reconstitua com precisão os seus percursos, e o que temos se dá pelos relatos sobretudo de Aristóteles e Simplicio (ARISTÓTELES, 1973).

No Brasil, o ensino de Filosofia no Ensino Médio oferece em geral uma aula inteira dedicada a este tema, e, conquanto não se esqueçam, jovens são habituados a reconhecer cada pré-socrático por seu nome ou pelo nome de sua cidade de origem, e atribuir-lhes, a cada um, o elemento fundamental de princípio (*arché*) das coisas. Os pensadores pré-socráticos, na cultura grega, estão na base da explicação com hipóteses das forças motrizes por trás dos movimentos dos corpos celestes, alguns se dedicarão à explicação para a origem dos animais, a eles são atribuídas teorias sobre a órbita da terra, as fases da lua, ou seja, de certa forma se dedicavam à Astronomia, Biologia e Matemática.

O que acabo de descrever soa anacrônico e será revelador de como a própria Filosofia da Ciência, sobretudo no século XX, irá ‘enquadrar’ tais pensadores: Na cultura grega eles serão ‘inventores’ de inovações e ‘descobridores’ de verdades astronômicas. Parmênides, destacou Popper, vai corrigir cosmogonias anteriores de explicação do funcionamento dos corpos celestes: O Poema é um registro patente de sua contribuição na revelação da ilusão de ótica que dá a aparência do comportamento ‘flutuante’ e ‘regular’ das fases da Lua, e sustenta que são um só o Céu da Noite e do Dia, tendo assim se destacado entre seus contemporâneos (POPPER, 2020). O poema afirma a Terra esférica. O Ser esférico, feito à Terra ou à Lua, entretanto, impossibilitado de que éter o cerque: de certa forma um acerto às cegas na crença no vácuo. Dizer isto é um impropério anacrônico: uma crença numa *Eureka* de que a física de partículas nos ofereça hoje coisas-em-si, apesar de forçoso, detendo-se

seguidamente à leitura do Poema e do diálogo pode-se levar a uma tal interpretação: que esta parece ser a estranha afirmação de Parmênides, ou mesmo da tradição da leitura de seu Poema: A crença forte de um Ser que comporta qualidades e comportamentos dissemelhantes à aparência a que o mundo se afigura a nós mortais pelo meio dos sentidos: eis a estreiteza da falta de terra firme, na jornada heroica que a Deusa Inominada para o jovem interlocutor escolhido ou iluminado faz no discurso do Ser entre os Seres.

Monolítico a ponto de problematizar a possibilidade ou não de movimento, de multiplicidade, e certamente de todo devir. No diálogo platônico, as verdades que desnorteiam Sócrates vêm da boca de Parmênides: outro enigma ou licença poética mesmo de Platão: ter colocado Parmênides enquanto um de seus contemporâneos, ali, em lugar da Deusa, o lugar de sábio recai sobre Parmênides que zomba e menospreza dum ainda jovem Sócrates, fato raríssimo em diálogos Platônicos. Ao final do diálogo, Parmênides continua em presença de Zenão e Sócrates, entretanto Parmênides deixa Sócrates um pouco de lado, e convida finalmente o mancebo Aristóteles para participar do jogo de ponto e contraponto: às vezes tão cheio de retidão e composto de concordância ou discordância com o que se quer apresentar enquanto ideia: numa situação onde geralmente o sábio é Sócrates e algum interlocutor concorda ou discorda lá com nuances e dialética, entretanto em grande parte das vezes se trate de seguir em frente concordando ou discordando. Com uma estreiteza antinatural toda própria ao estilo de Platão que nos leva a aporia.

Há que se destacar Parmênides pela radicalidade de suas teses *contrassensualistas* apresentadas na Via da Verdade no poema Da Natureza. Suas teses são inflexíveis: na *Física* de Aristóteles, Parmênides será *banido* de ser um físico por apontar um único princípio, saber da escola de Eléia, ‘Tudo é Um’, isto faria com que – para Aristóteles – Parmênides não desse conta da multiplicidade e dos fenômenos num modelo de natureza organizada. É como se Aristóteles olhasse para Parmênides como se este estivesse descrevendo seriamente a possibilidade de um Universo habitado por um único átomo.

São teses que elucidam verdades concernentes não à dinâmica do mundo que temos diante dos olhos, mas verdades lógicas ou tautológicas quanto ao Ser, o pensamento em comprometimento com a verdade por si só sem recolher nada ou quase nada da experiência.

Este contrassensualismo é sublinhado por Nietzsche, quando descreve Parmênides como um gélido com sua eloquente teoria do Ser onde todos os juízos

fundados sobre os sentidos é falso, expressão de ilusão e inverdade; isto ocorreria porque, rigorosamente, **o Ser é, e o Não-Ser não é.**

“ Seu imperativo agora era: ‘Não siga os olhos estúpidos, não siga o ouvido ruidoso ou a língua, mas examine tudo somente com a força do pensamento’.

Com isto ele operava a primeira crítica do aparelho do conhecimento, extremamente importante e funesta em suas consequências, se bem que ainda muito insuficiente.

Através disso ele repentinamente separou os sentidos e a capacidade de pensar abstrações, a razão, como se fossem duas faculdades inteiramente distintas, desintegrou o próprio intelecto e animou aquela divisão completamente errônea entre corpo e espírito que, especialmente desde Platão, pesa sobre a filosofia como uma maldição.

Todas as percepções dos sentidos, pensa Parmênides, dão apenas ilusões; e sua ilusão fundamental é simular que o não-ser é, que o vir-a-ser tem um ser.

Toda aquela multiplicidade e variedade do mundo conhecido pela experiência, a troca de suas qualidades, a ordenação de seus altos e baixos, foram postas de lado impiedosamente como uma ilusão e pura aparência; não há nada para aprender dela, está perdido todo trabalho que se tem com este mundo mentiroso, nulo e alcançado através dos sentidos.” (NIETZSCHE, 2008)

Ocorre que o que resta de Parmênides é o poema, aparentemente com proêmio, e 2ª parte (Via da Verdade) bem resgatados, uma rápida proibição da deusa ao caminho do Não-Ser (a 3ª via), A Via das Aparências dos mortais (*doxa*), bastante mutilada. Do título, não se sabe se é de autoria do pensador, ou resultado da catalogação dos que copiavam a obra. Estas teses como a de Parmênides onde tudo o que se vê é falso provocavam intriga e interesse entre os gregos, e é comum que esses dois predicados, cegueira e sabedoria, estejam interligados em personagem como Tirésias e Édipo. A citação a Nietzsche reverbera isto: um deslocamento para o pensamento puro com confiança em conclusões a que se chega ainda sem a experiência intuitiva dada nos sentidos, se conferimos ao que a tradição chama de Via da Verdade o momento central de todo o poema (Platão e Aristóteles teriam procedido em concordância, a ponto de interpretarem Parmênides estacionário na Via da Verdade, e dali arrancam sua doutrina *imobilista*). Parmênides cai, então, na caricatura do nefelibata, um sujeito convicto num outro mundo que rejeita a premissa de que é verdadeira a vida cotidiana, de fama, aparência, e opinião dos mortais.

Assim é que Aristófanes, na comédia *As Nuvens*, retratará Sócrates e seu séquito de seguidores aprendizes: homens molambos, desligados da realidade, maravilhados então pelo movimento dos corpos celestes, e como que movidos por uma espécie de voto de pobreza, entretanto, convictos de que estariam se dedicando

ao Pensamento que escapa ao sentido das coisas percorrido pela multidão (ARISTÓFANES, 1967). Relato documental do estranhamento com esta nova modalidade de dedicar-se à vida que era a Filosofia com seu surgimento na cultura e episteme gregas. Não fosse o esforço e posicionamento privilegiado na sociedade de seguidores de Sócrates, não teria a Filosofia a forma que conhecemos hoje. Platão e Aristóteles enquanto filósofos elementares organizam a história disto que é Filosofia, incorporam institucionalmente o reconhecimento desses saberes ao *corpo* da sociedade grega, de uma forma que para Sócrates, um *anti-grego*, foi impossível no seu tempo.

2º capítulo: O Poema Da Natureza

O poema *Da Natureza* descreve a jornada de um jovem, quiçá o próprio Parmênides, escolhido para adentrar a morada dos deuses depois de estranho cortejo e carreata, atravessado o portal guardado não só por sentinelas mas também por pórtico, guarnecido de chaves, encaixes e cavilhas bem precisos, este é o portal da noite e do dia; o jovem é saudado por uma deusa inominada, que pede que preste atenção aos seus dizeres reveladores acerca dos caminhos que se pode percorrer. O caráter fragmentado da reconstrução do texto nos impede de afirmar com precisão a quantos caminhos se refere a deusa: é possível que sejam dois, grande parte dos intérpretes seguem por este rastro opondo a via da verdade à via da opinião (ou fama) dos mortais, mas é plausível que fossem três ou mais numerosos caminhos ora o verso que diria exatamente quantos são se perdeu na reconstrução, pois é justamente o *bife* do discurso da Deusa é que se encontra fragmentado, tendo sido recuperado através de citações a Parmênides em livros preservados e escritos em gerações a que se tinha acesso ao Poema Da Natureza em sua totalidade e em sua ordem verdadeira dos versos. Ao longo dos séculos foi preciso arbitrar a posição de fragmentos soltos e o poema chega até nós debaixo duma organização localizada na Alemanha e situada no século XIX. É a dupla de pesquisadores Diels-Kranz que vem a determinar a numeração e catalogação contemporânea para o estudo dos Pré-Socráticos. Seja relevante ou não, os pensadores que tiveram o acesso ao texto original de Parmênides saberiam enumerar a quantos caminhos a deusa se refere. Para Heidegger os caminhos serão três, um primeiro para o Ser, um segundo, para o Nada e o terceiro, para as aparências (HEIDEGGER, 2008).

Nietzsche vai interpretar estas duas vias principais (ignoremos então a via intermediária para o Nada proposta então por Heidegger) como correspondentes a duas doutrinas de Parmênides, e mais tardia é a primeira (!) da revelação da deusa na Via da Verdade enquanto a via da opinião expressaria seu anterior esforço em compreender o mundo sob forte influência dos sábios que o antecedem (NIETZSCHE, 2008). Parmênides toma então o cuidado de apresentar estas duas visões de mundo, colocando entretanto na boca da deusa um alerta ao fim do primeiro discurso apontando para que os dizeres que virão em seguida (na Via das Aparências) serão fraudulentos. Nesta segunda via, expressão das primeiras crenças de Parmênides, as coisas se tornam classificáveis num dualismo de oposição de contrários, paradoxalmente, ali se apontam conhecimentos deste mundo, e o que resta de seu poema serve de contraprova histórica do pioneirismo de Parmênides para com várias suposições quanto à Astronomia que vieram a se confirmar. Se aceitarmos a reconstrução que relega a Parmênides duas doutrinas ao longo da vida, o momento

presente da redação do poema ocorre em sua velhice, quando o mundo dado pelos sentidos, na experiência do corpo, já lhe afigura ser todo ilusório.

O posicionamento exato do fragmento onde a Deusa dirá nas suas palavras que a partir daí seu discurso será todo fraudulento é determinado por uma tradição, e esta reconstrução de um Parmênides de duas doutrinas explicaria didaticamente esta aparente propensão do texto a duas perspectivas de mundo que não se colidem ou se conciliam. Barbara Cassin é uma a suscitar como suposição que tal fragmento poderia se dispor em uma ordem diferente, e fica para a Modernidade esta charada: Se a deusa tem o compromisso de revelar a essência verdadeira das coisas, inacessível para a experiência dos mortais, por que acrescentar também todo um discurso onde se alerta de antemão que falará de coisas fraudulentas? (CASSIN e LARAUX, 2005).

E mais do que isso, muitas das descobertas astronômicas de Parmênides pertencem a esta via das aparências. A tradição descobre espúrios os versos de Parmênides de referência a Zeus, e pode-se num solo obnubilado e pedregoso comprometer-se que a tal deusa que permanece inominada seja Noite, Verdade ou Justiça, o que é uma jornada de hipótese e crença nesta ou naquela tese através dos fatos misteriosos e atemporais relatados no poema. Parece, sim, uma escolha de Parmênides deixá-la inominada, e é um convite ao leitor decifrá-lo, e uma via de investigação aí seria investigar por quais Deusas faria sentido o nome permanecer ocultado naquela cultura, naquela episteme, este é mais um elemento de incerteza e indecisão onde o poema se demonstra renovadamente um convite a se pensar de novo, e marco de nossa incapacidade absoluta de projetarmo-nos a esta episteme perdida, e é aí onde jaz um de seus mistérios incontornáveis.

É curioso que o caráter de prova não reside em ‘visitar’ este mundo tão avesso à nossa experiência, o que também ocorre: o Mundo Averso a que Parmênides visita é uma morada de deuses e deusas que não o Olimpo ou o Monte Ida descritos por Homero, Parmênides se desloca geograficamente para este mundo: que ainda não é o do Ser, mas a sua antessala, ora, é dando confiança nas palavras da deusa na Via da Verdade é que se visitará este estranho Universo de um átomo só: o que é forçoso e nos joga num impasse quanto ao abismo entre o Ser e toda Aparência.

É preciso contrapor o discurso imobilista a algum outro que dê conta de movimento, multiplicidade; e estimo que exista a segunda via pelo mesmo motivo que há o proêmio, pois só podemos conceber esta doutrina rigorosa da realidade do ser se a dispusermos de alguma forma ao lado do mundo em que vivemos. Parmênides quer opor-se radicalmente ao movimento e à multiplicidade, ao menos neste primeiro caminho discursado pela deusa, o caminho seguinte mostraria verdades, ainda que

absurdas para este ser em sentido forte, que pudessem ser extraídas das coisas da natureza. E é aí na via das opiniões, das aparências, ou da fama, a depender da tradução, é que estarão os conhecimentos que Parmênides traz ao mundo sobre a natureza. Para falar da natureza, segundo o rigor de Parmênides, seria primeiro preciso caracterizar esta *coisa* que é o Ser e seu comportamento para depois, na via das aparências, falar das coisas mutáveis: sujeitas ao movimento, que para os gregos tem o sentido de deslocamento na extensão, como hoje concebemos, mais também ainda outro, o da mutação. Observemos como Parmênides poeticamente reconstrói esta jornada na busca pela verdade do Ser logo adiante.

2ª citação – A via da Verdade no poema *Da Natureza* – Parmênides

[PROÊMIO]

(...) Lá estão as portas que se abrem sobre os caminhos da Noite e do Dia, enquadras, ao alto, num dintel, e repousadas, em baixo, sobre um batente de pedra. Elas brilham no ar em toda a extensão de suas vastas molduras, e é Dike, a poderosa, quem tem na mão suas chaves, para abri-las e fechá-las. Com a carícia de suas doces palavras, as Filhas do Sol encontraram a arte de abrandá-la. E ela corre, de um golpe, o ferrolho solidamente cerrado. As portas voam, deixando vazio o espaço das molduras. Um depois do outro, iam-se encaixando os marcos, guarnecidos de cobre, com suas aldravas, e suas dobradiças. E eis que, transpondo as portas, diretamente pela estrada real, as raparigas guiam os carros e os cavalos. E a mim também me acolhe a doce Deusa. Tomou em suas mãos a minha mão direita. E foi cantando que me disse:

[A VIA DA VERDADE]

– “filho, tu, escoltado por cocheiros imortais, tu, que ao galope das éguas chegas à nossa morada, salve! Não, não foi a Moira funesta que te trouxe por esta estrada, distante dos homens e de seus caminhos, mas Themis e Dike. E agora é preciso que mergulhes em todas as indagações.

Tanto da Aletheia, que contempla tudo, cujo coração não treme, como das coisas caras aos mortais, que não alcançam a Aletheia. Olha bem o que ainda tens que aprender: de que modo as coisas de aparências diversas são feitas para ser vistas, ao mesmo tempo em que atravessam tudo e penetram por toda parte.

Hás de ser o guardião da palavra escutada, pois vou dizer-te quais os caminhos – os únicos – em que hás de pensar em tua busca. **O primeiro dos caminhos mostra aquilo que é, sem qualquer obstáculo para impedir o ser. Confia neste caminho, fiel à Aletheia. Quanto ao outro, para saber o que não é, mesmo que ele tenha poder legítimo sobre o ser proibido, por tal**

caminho, advirto, nenhum passo poderá ser seguro.

Pois está fora de teu poder saber o não-ser – não ganharás nada com isso – nem que tua palavra o diga. **Na verdade, pensar e ser é ao mesmo tempo a mesma coisa. Mas o que é ao mesmo tempo ausente e presente, aprende a vê-lo, pelo pensamento, com um olhar que nada possa desviar; pois, jamais o ser cortará sua ligação com o-não-ser-mais, tal como acontece ao que se dispersa em todos os sentidos e ao que se junta para formar um todo.** Coerente é para mim a partida; pois ela marca o lugar a que terei de voltar. Seja, então, deixado a si mesmo, como convém, permaneça assim, guardado em pensamento “sendo-ser”, e assim se abra a clareira do ser, pois sem essa abertura é o nada. Eis o que te peço que aprendas antes de qualquer outra coisa.

Que, antes de tudo, tua busca fique apartada desse caminho, e que tomes o outro, em seguida: ao longo dele, é claro, perdem-se os mortais que nada sabem ver, os bifrontes. Na verdade, é a inexperiência que leva o sentimento a perder-se em divagações no coração.

Tão surdos como cegos, levados de um lado para outro, embaraçados e perplexos, sem discernimento, cujo destino tanto é dizer ser como não-ser, e até mesmo ser e não-ser, assim se perdem aqueles mortais. Todos eles não avançam nunca; caminham para trás. Não há força que consiga torná-los iguais, o ser e o não-ser. Melhor é afastar teu pensamento desse caminho de busca. E habituado à rica experiência, não leves a essa contemplação um olho para não ver nada, um ouvido cheio de rumores, uma língua, mas deixando ser o que é, aprende a pensar para ti a diferença em que se trava a profunda de que te fala minha palavra.” (PARMÊNIDES, 2006)

Aqui foi apresentado o *contrassensualismo* de Parmênides em suas palavras mais cruas e originárias, escritas na mesma métrica de Homero embora aqui servido em forma de prosa segundo a tradução de Geraldo Mourão. Entenda-se por contrassensualismo a recusa em ver Ser em sentido forte nos altos e baixos da multiplicidade e do devir: o devir é uma aberração: mostra não seres vindo a ser e seres a deixar de ser em seu perecimento. Isto não poderia ocorrer no mundo do Uno, Ser entre os seres, ao qual nada pode ser subtraído ou acrescentado, portanto maciço e indivisível.

Orientado por uma tradição de intérpretes, antes de caracterizarmos o tal ‘mundo real tal qual visto pelos deuses’, gostaria de apontar para dois conteúdos pontuais muito rememorados ali no poema:

- 1) Uma rigorosa teoria do Ser que não abre espaço de possibilidade para o não-ser
- 2) a ousada afirmação de que ser e pensar sejam o mesmo.

Vamos então à revelação da deusa inominada quanto ao mundo real. Aqui podemos confrontar a modernidade. Kant, em sua primeira refutação ao idealismo, dirá “O Real está no fenômeno e não poderia ser [dado] de outra forma.”. Em sua primeira crítica, distinguirá os limites, os pressupostos pseudoinatistas e o *a priori*, tanto do pensamento quanto da experiência, ou seja, quais seriam os pressupostos, mecanismos, tecidos e engrenagens que estariam em nós, sujeitos, não exatamente *antes* da experiência, mas que, no ato da experiência se referissem às nossas próprias faculdades de articular as coisas para que apareçam desta ou daquela forma: daí então haveria espaço (tridimensional) e tempo (fluxo de sucessão) como tecidos ou lentes para toda aparição possível a ser considerada real, e suas conclusões são que estas duas intuições puras não poderiam ser provenientes de conceitos da razão nem tampouco existirem enquanto grandezas absolutas (KANT, 2012).

O projeto de Kant é o de recolocar em pauta a investigação metafísica, de maneira a rechaçar, por um lado, seus meios de perseguir seus objetos de investigação opondo-se à escolástica e ao dogmatismo, e, dando novos limites a este saber (metafísico) a que o pensador eleva à categoria de ciência primeira tenta conciliar a Metafísica ao modelo de ciência newtoniano. Mas esta discussão caberá noutra visada que não esta: O que eu intuo é imediatamente real, ainda que revele apenas *aparência* de ser. Mas voltemos a outra proposição que muito se afasta da tautologia $A=A$, ora, Ser é Ser, Pensar é Pensar. O que decorre da revelação da deusa a Parmênides de que ser e pensar sejam o mesmo?

Dizer que ser e pensar sejam o mesmo pode suscitar diferentes interpretações:

- 1) em matéria de teoria do conhecimento, pode ser que Parmênides esteja se comprometendo com a hipótese de que nomes possam nomear coisas e qualidades com verdade, afirmação de correspondência da linguagem com o mundo, as aparências são aparências de coisas;
- 2) ou seria aqui, em Parmênides, ainda sem a conjugação essencial, a afirmação de realidade do pensamento, que a modernidade conhece a partir do “Penso, logo existo.”, o pensamento, quando não é enganador, revela uma verdade da coisa pensada.
- 3) Ainda outra interpretação seria a moral, donde no divino ou no homem de boa índole conceber, falar e agir se correspondem.

Ulisses, o herói multiardiloso de Homero, não se incluiria nesta categoria: mente e engana, conjectura e pensa duas vezes antes de agir, escapando ao engano dos homens e entretanto enganado pelos deuses. O destino cruel imputado a muitos vitoriosos da Guerra de Tróia, feito Ájax ou Agamênon, não abate Ulisses, dileto de Palas Atena que o vigia, acompanha, e até mesmo com mágica o faz mais grisalho, acorncundado e torto para que se infiltre em Ítaca debaixo do disfarce de um mendigo. Seriam os excessos proferidos por estes outros vitoriosos de retorno infeliz seguido de morte um sinal de retaliação então dos próprios Deuses? Ainda no princípio da Odisséia, em ocasião do julgamento de Egisto, Zeus é quem reclama que os homens lhes atribuam [aos deuses] responsabilidade por um destino infeliz e que entretanto muitas vezes estarão padecendo da própria loucura, teriam então livre-arbítrio. É essencial para o paradigma do herói Ulisses que ele viva até o fim de seus dias e que morra de morte não violenta.

É viável que certos momentos do poema de Parmênides usem motes das aventuras homéricas, para alguns intérpretes a composição dos versos que descrevem o Ser como que preso por cabresto ou liames, a depender da tradução, teria elementos de paralelismo com o episódio do canto das sereias na Odisséia, quando Ulisses, desejoso de ouvir o sedutor e mortal canto das sereias, organiza toda a sua tripulação para que nada escutem, ou seriam também seduzidos e levados à morte escarpada, mas separa para si mesmo uma posição privilegiada: Pede para que o amarrem, e que no caso dum deslumbramento em que pedisse aos seus companheiros para livra-lo das amarras, que apertassem ainda mais as cordas: As sereias saúdam Ulisses, anunciam saberem da queda de Tróia, e dizem serem detentoras do conhecimento de todo passado, presente e futuro. Preso a amarras, Ulisses teria sido um dos únicos homens a escapar vivo do canto das sereias.

Parmênides é então um pensador da unidade, onde o Uno é o Ser dos Seres, e deve comprometer-se a descrever o seu caráter: provar a necessidade de sua existência, e o que é que sucede à experiência-limite de imaginar-se um Universo ocupado por tão somente um objeto, esfera maciça, onde não pode haver mutação, devir ou qualquer qualidade negativa. O que dizer da multiplicidade? Dela, se ocupará mais adiante, na via das opiniões (ou aparências, ou *fama*) dos mortais, onde o mundo aparente se reafirma também, eis uma dificuldade que a leitura tanto do poema quanto do diálogo afiguram. Numerar corretamente quantos e quais são os caminhos ou experiências e reconhecê-lo como um retrato de mais que uma só doutrina, e conforme seguirmos em frente leais ao mistério que aí envolve, de quantos são patentemente os caminhos, aí é que volta a necessidade de um posicionamento: porque cada caminho tem lá a sua metafísica, e o caminho do Nada é apenas aludido: aconselhado que não seja nunca percorrido; enquanto que o diálogo platônico oferece também e reforça o caráter do embate de doutrinas e de procedimento lógico, e o final do diálogo explora justamente as consequências que decorreriam da não existência do Ser, mostrando a minúcias da redução ao absurdo: provar algo a partir das consequências de avaliar a possível vigência de seu contrário, ou seja, o contrassensualismo ou imobilismo caracterizam uma entre quatro experiências, relatadas no poema, e em certa medida, contraditórias entre si mesmas, como se a cada uma abatesse uma diferente vontade ou meta.

Voltemos a este Ser único, forcemo-nos com o pensamento e com a lógica, diante deste aparente absurdo. Este rigor e compromisso com a existência de um único ser separa todo o mundo da experiência mundana e mortal em um intransponível abismo com aquele ser Uno, Ser em sentido forte. Este é o rigor com o Ser que Parmênides traria na reviravolta de conceber uma segunda doutrina avessa à oposição de contrários: A experiência de que o Ser é um só se dá pela revelação da deusa inominada: e suscita uma série de absurdos intransponíveis. Parmênides liga Ser à permanência de maneira inseparável. Parmênides está na base para tudo o quanto conhecemos do platonismo, do clamor pela realidade das formas, essências e ideias.

É preciso confiar na jornada, nas palavras da deusa, pois ela anuncia saber como é o mundo tal e qual visto pelos deuses, oferece as formas e os limites do único objeto existente, transcendental, maciço, esférico, feito à lua, igual de todo lado, que pela lógica, não pode ter princípio nem fim. Se sempre foi jamais cessará, e não pode pulsar, ou mover-se, não pode padecer de gênese ou corrupção, porque gênese e perecimento flertam com o devir. Não pode haver devir. Esta inflexibilidade sublinha-se pela tautologia $A = A$ ou na proposição “O Ser é, o não ser não é”.

3º capítulo: Matrix – a vida ilusória de Anderson

Pode ser que Parmênides esteja na base do discurso filosófico *contrassensualista* que estamos acostumados a reconhecer nas leituras mais didáticas do mito da Caverna em Platão e, saltando para o contemporâneo e para a sétima arte, em filmes como *13º Andar*, *Existence*, ou mesmo o mais óbvio – *Matrix*.

Matrix é uma trilogia das irmãs Wachowski donde nos interessa agora adentrar a trama do primeiro e mais radical de seus filmes. Recapitulemos alguns marcos dos dois ‘Caminhos’ ou Vias que são oferecidos ao protagonista *Mr. Anderson*, interpretado por Keanu Reeves. A comparação será interessante, pois tanto o poema “Da Natureza” quanto *Matrix* evocam a jornada de um *escolhido* ou iluminado, e trabalham justamente com os sinais ou evidências de que o mundo aparente dado pelos sentidos seja todo ilusório.

O Sr. Anderson vive uma vida dupla. É um *outsider*, mas tem uma ‘fachada’ que garante que não seja um vagabundo. Ele trabalha para uma megacorporação de informática, nos distritos financeiros duma Metrópole de língua Inglesa (a cidade escolhida para a realização das cenas externas deste núcleo foi Sidney, Austrália). O que ele esconde por trás dessa fachada de homem correto é uma vida no submundo *hacker*, nas redes profundas por detrás da Internet Superficial, e tem sua gama de clientes caracterizados pelo comportamento desviante: há um esforço dos *production designers* em caracterizá-los com elementos que misturam tendências para o Gótico - corpos pálidos que vestem couro, usam tatuagens e perfurações corporais diversas -, para o Decadentismo - coturnos, capas e sobretudos - e para o *Cyberpunk*. Nessa turma de notívagos estilizados frequentadores de *raves* é que Anderson toca a contraparte de sua vida. Em casa, num ambiente austero, cercado de máquinas, ele pirateia e constrói sob encomenda *softwares* – e os fornece em mãos a seus amigos e clientes em troca de pagamento. O Sr. Anderson passa despercebido numa multidão, mas é um poderoso *hacker*, não o mais poderoso e sábio do mundo, este é Morpheus, que está no enalço de Anderson, que em suas incursões pela Internet Profunda adota então o codinome *Neo*.

A tensão do filme aumenta quando agentes de ‘inteligência’ e ‘segurança nacional’ adentram o prédio comercial de escritórios onde Anderson trabalha. Eles estão dispostos a perseguir, chantagear e cooptar Anderson ou *Neo* a um trabalho onde ‘unam suas forças’. A chantagem é simples e direta: o Sr. Anderson é convidado a colaborar na *caça* a Morpheus, ou terá a sua vida arruinada pela exposição de seus

crimes contra ‘propriedade intelectual’ e ‘cumplicidade com criminosos’ às autoridades e aparelho repressivo do Estado.

Anderson acredita no ‘direito a uma última ligação’ onde ele poderia fazer contato com sua defesa e enfrentar em longa batalha jurídica os seus algozes engravatados. Entre todos eles, destaca-se o mais persuasivo e cruel, Agente Smith, que estará por todo o filme disposto a transformar a jornada de *Neo* num pesadelo pirotécnico muito bem servido de salvamentos de última hora, um dos recursos mais arcaicos do cinema de ação, inventado por Griffith, mestre americano da teoria da montagem, elogiado até mesmo por seus semelhantes soviéticos por ter praticamente inventado a mecânica do suspense a partir de plano e contra plano. A então chamada por Griffith *Montagem Orgânica* concebe pela primeira vez diversas estratégias narrativas até hoje utilizadas sobretudo em filmes de suspense, terror e ação. A montagem orgânica é superada no século XX pela proposta de Montagem Dialética atribuída a Sergei Eisenstein.

O momento da ligação para seu último protetor ou advogado converte-se numa cena de pesadelo grotesco, do qual o Sr. Anderson deve ‘acordar’ na manhã seguinte. Feito gelatina, seus lábios derretem-se e ‘grudam-se’, de forma que ele é tornado incapaz de falar. Os agentes da repressão aplicam-lhe um *grampo*, momento final de tortura em seu pesadelo, em que eles têm à disposição uma libélula *ciborgue* que é inserida para dentro da superfície de sua pele.

A resistência clandestina *hacker* vai ao encontro de Anderson. Retira dolorosamente o grampo-libélula prendendo uma geringonça em seu umbigo. Anderson conhecerá agora Morpheus. É noite, chove e relampeja. Morpheus oferecerá a Anderson também dois caminhos: estende a palma de suas duas mãos, numa delas há uma pílula azul, noutra, uma pílula vermelha.

A orientação é: escolha a pílula azul e voltará a viver a tua vida pacata, julgando que o que ocorreu até agora não tenha passado de um pesadelo; ou escolha a pílula vermelha, e tenha acesso à grande revelação sobre a realidade que te foi ocultada.

Eis que Anderson ou Neo viverá o seu dia de revelação, mais precisamente, numa noite chuvosa, onde Morpheus, cercado de elementos do *cyberpunk*, oferece a Neo uma vida para além da ilusão da realidade aparente, e é saudado com a frase: “Bem-vindo ao Deserto do Real”. Eis o que Morpheus o oferece, em contraponto ao mundo de ilusão a que Anderson julgava pertencer e fazia, aparentemente, todo um sentido. É rompida a continuidade. Estamos no futuro.

Neo é o escolhido debaixo duma trama de Teoria do Duplo Mundo. A época em que vive carrega um portal para um futuro distópico onde toda a humanidade encontra-se miseravelmente adormecida em placentas artificiais... Com os músculos atrofiados cheios de plugues sob a tutela de máquinas que cultivam seres humanos

para fins meramente energéticos. Uma última sociedade de homens livres para além da ilusão da Matrix, que garante a simulação do tempo e o lugar onde Anderson pensava viver... É a mítica cidade de *Zion*, nos subterrâneos da Terra, onde se organiza a resistência final da guerra entre homens e máquinas.

Acho que até aqui já pude relatar o suficiente ao leitor leigo em Matrix. Voltemos à jornada do iluminado apresentado por Parmênides no século IV a.C. em nossa próxima abordagem, tomando como base as leituras que forcem o sábio a uma certa Filosofia da Ciência de Karl Popper.

A ficção científica também não deixa de ser um dos gêneros mais arcaicos de conjectura de mundos possíveis, julgados absurdos, e em *Matrix* a luta de classes teria se dado através de um salto na inteligência artificial, jogando as máquinas como elementos de expressão para uma luta de classes entre duas inteligências radicalizadas e tornadas irreconciliáveis.

Em *Metrópolis* de Fritz Lang, víamos a máquina como meio de *enganar* a classe operária. Neste filme, as máquinas não são inteligentes, mas de sobremaneira itens de uma indústria pesada que sustentaria uma pirâmide social em que os ricos vivem em terraços um mundo de prazeres e diletantismo, enquanto os operários arriscam suas vidas em subterrâneos dedicando-se a trabalho pesado com essas máquinas inanimadas. Mas um inventor consegue fazer com que um robô se passe por um humano, uma mulher, Maria, espécie de santa para os operários. Quando substituída por um autômato, Maria instigaria a classe operária a executar a auto-implosão da distópica sociedade. A revolução é um mal maior a ser evitado, e isto faria de *Metrópolis* um filme reformista, ou será que de forma mais oculta, clássicos sejam sempre um convite a repensar mais uma vez sob novo recorte a mesma questão: a *experiência* de um clamor e sublevação das opressões, de forma mais efetivamente política do que em *Matrix*, ora, é ainda um tiro às cegas a aposta de que a consciência fenomenal de autômatos levaria a uma possível aniquilação da humanidade, e o que resta numa guerra deste grau ainda será mesmo chamado de político? E isto é retratado, durante o percurso, presentemente, uma revolução, em *Metropolis*, enquanto que na franquia *Matrix* tal clímax se obscurece em obra menor da franquia *Animatrix*. O momento da revolução ou sublevação é atravessado num salto em *Matrix*, e enquanto experiência de consequências em *Metrópolis*.

Em *Metrópolis*, há ricos e pobres, em *Matrix*, um último quinhão de homens livres, para além da ilusão das máquinas, que amorfina e obnubilam a sobremaneira da humanidade. Ocorre que há até autômatos inteligentes já em *Metrópolis* mas ainda não um Duplo Mundo.

CONCLUSÃO:

Neste trabalho é oferecida uma costura de pontas soltas que convida e desperta o interlocutor a familiarizar-se com a questão do *contrassensualismo*, da dúvida quanto ao mundo dos sentidos que degradingola em uma teoria do duplo mundo, a partir das diversas interpretações que o poema Da Natureza suscita.

Há um Duplo Mundo em Matrix, e, embora suas consequências sejam assustadoras, não passa de *duplicata* donde Anderson cre viver em 1999 mas esta é a ilusão onde as máquinas preservam a humanidade: debaixo do que seria, a simulação da vida das últimas gerações humanas antes desta reviravolta. Isto seria sim terrível, mas Parmênides chega a ser mais gélido.

Máquinas atemporais: a carruagem: a fechadura, chaves, dobradiças, eis as palavras de tecnologia a que Parmênides se dedica. Nada de máquinas revoltadas, nada de humanos revoltados, para além da aparência, apenas o Ser numa clareira: a hipótese então do Duplo Mundo em Parmênides.

Referências Bibliográficas

ARISTÓFANES. As Nuvens. Só Para Mulheres. Um Deus Chamado Dinheiro. São Paulo: Difel, 1967.

ARISTÓTELES. Tópicos. Dos Argumentos Sofísticos. Metafísica. Ética a Nicômano. Poética. Coleção Os Pensadores. Editor Victor Civita. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CASSIN, B. LORAUX, N. O Efeito Sofístico. São Paulo: Editora 34, 2005.

HEIDEGGER, M. Introdução à Filosofia. Trad. de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KANT, I. Crítica da Razão Pura. Tradução e Notas: Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2012.

NIETZSCHE, F. A Filosofia na Era Trágica dos Gregos. São Paulo: Hedra, 2008.

PARMÊNIDES. Da Natureza. Trad. Fernando Santoro. Rio de Janeiro: Laboratório OUSÍA (Universidade Federal do Rio de Janeiro), 2006.

PARMÊNIDES. PLATÃO. Coleção Pensamento e Filosofia. Instituto Piaget, 2001.

POPPER, K. O Mundo de Parmênides. São Paulo: Unesp, 2020.

SANTORO, F. (org.) Filósofos Épicas I: Fragmentos Xenófanes e Parmênides. Rio de Janeiro: Hexis, 2011.

Filmografia

MATRIX. DIREÇÃO: LILLY e LANA WACHOWSKI. PRODUÇÃO: JOEL SILVER. ROTEIRO: LILLY e LANA WACHOWSKI. EUA (S. N.): 1999.

METROPOLIS DIREÇÃO: FRITZ LANG. PRODUÇÃO: ERICH POMMER. ROTEIRO: THEA VON HARBOU. ALEMANHA (S. N.): 1927.